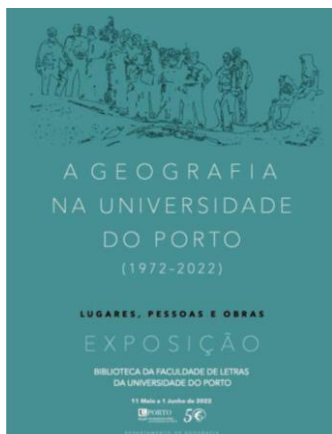


TRÊS MOMENTOS NO TEMPO



JAPANFOUNDATION



ISABEL PEREIRA LEITE

FLUD, 2023

FICHA TÉCNICA:

Título: Três momentos no tempo

Autor: Isabel Pereira Leite

Editor: Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Data: 2023

ISBN: 978-989-9082-98-4

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-9082-98-4/tre>



APRESENTAÇÃO

«*Vos estis sal terrae*. Haveis de saber, irmãos peixes, que o sal, filho do mar como vós, tem duas propriedades, as quais em vós mesmos se experimentam: conservar o são, e preservá-lo, para que senão corrompa».

Assim rezava o Padre António Vieira, em S. Luís do Maranhão, no ano de 1654, acrescentando que, já que os homens se não aproveitavam, mais valia pregar aos peixes...

Não deverá, pois, ser a Memória o sal da vida? O sal conservará a Memória, impedindo que desapareça ou seja desvirtuada. Será fonte de vida.

Nada há de mais intrínseco ao Homem do que a Memória. Sem esta, não existiria Mundo, por não haver como o alimentar.

De facto, «Tudo passa, e nada passa. Tudo passa para a vida e nada passa para a conta. [...] Não há pedra, nem telha, nem planta, nem raiz, nem palma de terra na Terra, que não esteja sempre passando, porque tudo passa. Deste tudo que está sempre passando, é o homem não só a parte principal, mas verdadeiramente o tudo do mesmo tudo».

Porque a Memória do Mundo está em nós, em cada pensamento, em cada palavra, em cada acto; em cada existência, em cada realização, em cada registo, é vital que se preserve essa construção para que, a cada passo, possa ser resgatada.

O resgate será sempre obra nossa. Elaboração ocasional ou concertada, que não deixa, um segundo que seja, de fazer parte de nós, tem, como pano de fundo, o passado e, naturalmente, o presente, embora nada haja de mais volátil do que o presente, porque o futuro, em direcção ao qual corremos velozes, está presente em cada dia.

E é assim que, conscientemente ou não, cada um concorre para o resgate da Memória, porque o Homem é um ser eminentemente social, que necessita de comunicar.

Fá-lo-á de mil maneiras, quantas vezes com o imprescindível contributo do acaso, mas, as mais delas, registando, pelo seu punho, o que se lhe oferece, ou aquilo que procura. Mil vezes se cortarão raízes. Outras mil se cortaram já. Mas cortar a raiz ao pensamento é impossível. Deveras impossível!

E, afinal, o que é que jamais será esquecido?

Nada será esquecido, porque ninguém passa por este mundo sem deixar vestígios; um insignificante vestígio, por mais que o seja, atestará que aquele Homem existiu. Para isso, também para isso, servem os livros.

Cada homem é único, por mais anónimo que tenha sido ou pense ser. O colectivo não é feito senão do conjunto vivíssimo, em cada tempo e em cada lugar, dos testemunhos de cada um.

I

Na inauguração da Exposição Comemorativa dos 50 Anos do Ensino da Geografia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto – 11 de Maio de 2022



Sem formalidades, começo apenas por agradecer à Comissão Organizadora destas celebrações o facto de ter querido associar a Biblioteca às comemorações dos 50 anos do ensino da Geografia na nossa Faculdade. Sabe bem que confiem em nós.

Ao pensar neste momento, duas ou três ideias me vieram à lembrança. Tecnicamente, viajar no tempo, saltando de memória em memória, é do mais simples que há. Assim haja memórias que gostemos de convocar. Avanço, pois, nesse sentido.

Mais ou menos pelos idos de Março, em tempos que já lá vão há muitas décadas, iminente que estava a avaliação do 2.º período, que normalmente já augurava uma férias grandes mais ou menos bem gozadas, lembro-me perfeitamente de algo que tanto me fascinava, como me inquietava. Chamava-se História e Geografia de Portugal.

Portugal era enorme, e o que havia que saber dizia-lhe respeito por inteiro. Eu perguntava a mim própria, apenas a mim própria e jamais a fosse quem fosse, em que é que decorar que o Cuanza, o Cunene, o Cuando e o Cubango, por exemplo, que eram rios importantes de Angola, fazia alguma diferença. Os diamantes da Lunda, o ferro do Malanje e o petróleo de Cabinda, que eram exportações relevantes, podiam sê-lo, sim, mas porquê perder tempo com isso?

Que obrigação tínhamos nós de aprender que Quelimane, Pemba e Tete, além de uma “outra” Beira, existiam em Moçambique, tal como o rio Zambeze e o monte Binga?

E assim, sempre numa cadência que me parecia demasiado exigente, eu questionava os meus botões: em que é que ter de saber isto, entre tanto, tanto mais, contribuía para a minha felicidade...

Sim, em que medida ter de saber de cor as linhas dos caminhos de ferro, suas estações e apeadeiros; os rios e seus afluentes; as cordilheiras; as províncias, distritos e suas capitais, concelhos e suas sedes, e tantas outras “coisas” respeitantes a este nosso delicioso rectângulo à beira-mar plantado; em que medida, realmente, isto era determinante para o meu bem-estar, e muito, também, para o bem-estar de meus Pais?

A isto sabia eu responder: para nós, filhos, era uma obrigação que havia que cumprir, porque se assim não fosse, logo o futuro próximo se via comprometido. Fins de semana e férias a estudar. Trabalhos a dobrar. Tinha de ser, e assim era.

Ora, nas calendas de Outubro, que inexoravelmente se sucediam sempre depois do dia 5, acontecia-me lá ir percebendo que isso de “o saber não ocupar lugar” era uma realidade mais ou menos salvífica. O saber cabia sempre.

Hoje, tenho diferente opinião. Acredito que o saber ocupa mesmo lugar. Por isso é que me parece impossível que tudo, sem excepção, caiba na memória. Na minha, pelo menos, não cabe. Acho triste é que o saber não ocupe, também, o lugar da ignorância.

Se tive excelentes professores que perseveraram em convencer-me de que mais valia anuir às suas pretensões, ainda bem. Graças a Deus! Em todo o caso, o mesmo nunca direi em relação ao sistema rômbo/ortorrômbo e aos amigos cúbico, hexagonal, tetragonal, monoclinico, triclinico e sei lá o quê mais – quanto a tudo isto, meu Deus, que suplício!

Se esses professores de gabarito conseguiram que eu chegasse a este ano da graça de 2022 totalmente convicta de que, por causa deles, escapo, de vez em quando, a algumas figuras tristes e tenho um entendimento do mundo que, visto desta “ocidental praia lusitana” (não esqueçamos os 450 anos da publicação d’Os Lusíadas, que este ano se comemoram), é um mundo que não entendo como coisa de outra galáxia, por ter alguns dos seus detalhes gravados na memória, se conseguiram essa façanha, foram, também eles, heróis.

Como nada acontece por acaso, e hoje sou bibliotecária numa casa onde a Geografia se impõe há meio século, sinto um particular gosto em todos os dias me cruzar com geógrafos entre as estantes da nossa Biblioteca.

Refiro-me, obviamente, a todos esses autores que, tal como os meus antigos professores, tal como os caríssimos professores que fizeram e fazem parte do Departamento de Geografia

desta Faculdade, e tal como todos os que hoje ensinam o que aqui aprenderam, se empenham em tornar o mundo inteligível e respeitado.

Entre o nome Vidal de La Blache, referido nas folhas manuscritas que constituem a primeira aula da Doutora Nicole Vareta, por exemplo, e cada um de nós existe uma teia de saberes, afectos e generosidade. É o que vejo nesta exposição que nos deram a honra de querer fazer neste espaço.

Por isso, também, muito obrigada! Se não fosse essa formidável teia aqui representada, se não fosse essa capacidade que é atributo da Geografia, ser-me-ia hoje bem mais difícil perceber como é que Sines, a meros quatrocentos e tal Km desta nossa cidade, assumiu, aos olhos do mundo, uma importância capital, quase de um dia para o outro, passados séculos sobre o nascimento de Vasco da Gama.

Que a Geografia se mantenha, na FLUP, como uma ciência relevante, essencial e verdadeiramente proeminente!

II

Na inauguração da Exposição de livros pertencentes ao Núcleo de Cultura Japonesa oferecidos pela Japan Foundation – 10 de Março de 2023



Literature, Music and Cinema. I chose three glorious names: Kenzaburo Oe (1935); Mitsuko Uchida (1948) and Akira Kurosawa (1910 – 1998).

I believe their art, wisdom and personal testimony are true landmarks that will last forever. Let's hear them.

Beginning with **Kenzaburo Oe**, Nobel Prize of Literature in 1994:

"You know that pen drawing of a brain on the wall above the desk in your study?" my wife said. "There's a single eye in the middle of it, and judging from the size of that eye, the brain seems a little smaller than normal. I wonder if that isn't a sketch of the other brain? I did prize that sketch of a brain. It had been used as the frontispiece in a collection of essays that Professor W had published just after the war, On Madness and Other Matters, But, as far as I was consciously aware, I had placed the illustration in a wooden frame and hung it on the wall because I had been profoundly influenced by the following passage in that book: "There are those who say that great achievements are impossible in the absence of madness. That is untrue! Achievements enabled by madness are invariably accompanied by desolation and sacrifice. Truly great achievements are attained by humanistic individuals laboring honestly, tirelessly, humbly while acutely conscious, far more so than others, that they are susceptible to madness."

— **Kenzaburō Ōe, Rouse Up, O Young Men of the New Age! Autobiography, 1983**

Now, quoting **Mitsuko Uchida**, the most revered classical pianist of our time:

“I’m a European. That’s how I think of myself. Until I play in Tokyo and then I feel Japanese. How I’ve changed in myself is difficult to say. One thing is clear: I have always stayed a student. I’ve just got older. I’m basically someone who studies and who tries hard every day.

[...]

I want to have a bit of time to myself, so I can look out of the window. So that I can study stuff without having sleepless nights thinking about whether I got it right or wrong. I had wanted to have a sabbatical. But somehow it never looks like the right time.

[...]

*I remember being in the Berlin Konzerthaus with [the conductor] Kurt Sanderling, in the wings about to go on. I said to him, how could anyone write something as beautiful as the *opening to K488*? He replied, ‘Of course Mozart didn’t write it. Der liebe Gott – God – was moving the pen for him.’”*

No, no, of course not! Mozart’s world is in the world of humans. The music came straight out of Wolfgang’s brains! The speed with which he worked is so different from that absolute, clearcut labour of Beethoven, who you can feel must have spent weeks, months, thinking and plotting. In Mozart it seems as if there was no premeditation.

[...]

Every day that I am allowed to play music is a gift from somewhere. If heaven exists, it’s heaven.

I am not an obsessive performer. My absolute maximum number of concerts is 55 a year. That’s tiny compared to most, who play at least 100, even as many as 140. That’s madness for me. I couldn’t handle it. I remember Elena Bashkirova, Daniel Barenboim’s wife, saying that for Daniel, a day without a concert is punishment. For me, a day without a concert means I can breathe freely. I do enjoy concerts. Absolutely. And I can listen to music too, without feeling under pressure that I ought to be working.

[...]

The moment I walk on to the platform that’s the moment of truth. All the rest is pretending. That’s why you have to perform. You work differently. You learn different things. You have to risk your life on stage. That’s why live performances are more interesting. It is possible to avoid risks, but the more you know, the harder it is to perform. The risks become so dangerous. I used to think it would grow easier as I got older and wiser, but I can swear it hasn’t. Maybe because I’m not wiser ... ”

— **Mitsuko Uchida interviewed by Fiona Maddocks for The Guardian in 2018**

Finally, film director **Akira Kurosawa**, named in 1999 Asian of the Century in the Arts, Literature and Culture, jointly by Asian Week and CNN:

“I’ve forgotten who it was that said creation is memory. My own experiences and the various things I have read remain in my memory and become the basis upon which I create something new. I couldn’t do it out of nothing. For this reason, since the time I was a young man I have always kept a notebook handy when I read a book. I write down my reactions and what particularly moves me. I have stacks and stacks of these college notebooks, and when I go off to write a script, these are what I read. Somewhere they always provide me with a point of breakthrough. Even for single lines of dialogue I have taken hints from these notebooks. So what I want to say is, don’t read books while lying down in bed. [...]

But now, as I recall my past works in order to write about them, the people from the past whom I had at last forgotten come to life again in my head, clamoring for attention, each one asserting his own individuality. I am at a loss. Each one is to me like a child of my own that I gave birth to and raised.”

— **Akira Kurosawa, Something Like An Autobiography, 1981**

If I may be allowed, I will dare to say something about my humble experience:

I have never been to Japan. When I was a little girl, my uncle and godfather wrote me a postcard from Tokyo, where he went in business. As far as I can remember, this is the most ancient recollection I have of the word Japan.

Sixty years later, I still can recall the beauty of the trees in the park, the elegant movement of their branches, the impressive shades of pink and the perfect harmony of the photo in that postcard.

For quite some years, this was Japan to me. Something so very far away, so out of “my” world, that not even a “maybe one day” occurred to me. When, in fact, in 1987 I was planning to meet my uncle and aunt in Macau and from there travel to Japan, a political storm took place. My uncle, who was then Governor of Macau, came back to Porto, and my plans became other plans. Raising my own family was the best part of these other plans.

Time has wings. I have not. So, as time flew ahead of me, in the twinkle of an eye, I found myself in the beginning of 2020 making plans to finally go to Japan. Philippe, a very dear nephew of mine, had been admitted at Ritsumeikan Asia Pacific University, in Beppu.

What a chance for me! After so many years, I really was going to Japan. How lucky I was!

Or unlucky, I concluded, when news about Covid 19 began to haunt all of us. Not this time, I thought. And if not now, when? For the easier questions in life, at least apparently, there may be no answers. Nothing is granted. Nothing is for sure. I began to collect wonderful photos Philippe still shares in WhatsApp. Since lockdown ended, he's been travelling around Japan. Now, I have a folder in my laptop called Japan. It has hundreds of amazing and dazzling photos.

I believe that first postcard I received in my early years was premonitory. And I do feel grateful, because, although in the end I never managed to travel to that far eastern land of beauty, its beauty came to me.

Philippe and two Japanese friends of him spent a week in Porto, and stayed in my place last September. This is something I cherish – something they offered me: a book, of course... A very special book.

Philippe is coming home, in Paris, this month, with his diploma and Japan in his heart.

As far as I am concerned, age has taught me to be happy with the achievements and conquests of others. I keep trying to bear in mind that happiness and joy come in unexpected ways. So, it is with a heart full of gratitude that I thank the Japan Foundation and all those who made possible the presence of Japan in this Library.

Thank you very much!

III

Na Sessão Solene de Abertura do Ano Lectivo de 2023-2024, em representação dos Funcionários Não-Docentes – 17 de Outubro de 2023



Começar por citar alguém unanimemente reconhecido é sempre mais seguro. Todavia, não foi por isso que fui buscar José Luís Peixoto. Foi, simplesmente, porque acredito que o que nos une é a Vida, não a Vida como algo abstrato, mas a Vida que é indissociável de cada nome, mesmo para lá do nosso quotidiano, sempre feito de realidades, virtualidades e efabulações.

Numa crónica que publicou em 2012 escreve: *“Se te quiserem convencer de que é impossível, diz-lhes que impossível é ficares calado, impossível é não teres voz. Temos direito a viver. Acreditamos nessa certeza com todas as forças do nosso corpo e, mais ainda, com todas as forças da nossa vontade. Viver é um verbo enorme, longo. Acreditamos em todo o seu tamanho, não prescindimos de um único passo do seu/nosso caminho.”*

Todos os dias nos cruzamos nos corredores deste labiríntico edifício, num exercício de sobrevivência, que, de tão repetido, a vai garantindo. O gerúndio, que já nem sei se tem este nome, implicava, no tempo em que com ele travei conhecimento, uma espécie de ação que nos ia conduzindo. E nós, ainda hoje, vamos indo... Mas será que isto basta?

Não deveríamos nós pensar mais, ouvir mais, agir mais? E no presente? É crucial que o façamos, mas não de forma gratuita. Façamo-lo servindo. Como ignorar o que nos diz Ana Luísa Amaral, em sucessivas interpelações, mal transpomos a entrada da nossa Faculdade? Todos, sem exceção, somos convocados a servir.

Servir é inerente à nossa condição. Todos nós, aqui, estamos organicamente integrados numa estrutura de dependências e confluências.

Existem, nesta Faculdade, serviços cujas designações logo auguram um efetivo grau de complexidade. Valho-me de um único exemplo. O nome institucional daquele ao qual continuamos a chamar Serviço de Recursos Humanos é Unidade de Gestão das Relações

Laborais. É certo e sabido que não há nada mais difícil do que gerir recursos humanos, sobretudo em contexto laboral. Quem o rebatizou não deixou, porém, de especificar a que domínio se estende tal unidade; por isso é que recursos humanos continua a aparecer entre parenteses, logo a seguir. Afinal, continuamos humanos... Mas adiante...

De uma maneira geral, aqueles que integram serviços e unidades sabem muito bem o que se espera deles: competência, disponibilidade e concretização. É a partir destas três premissas que se define a confiança. Haverá alguma instituição que seja capaz, sequer, de sobreviver se não puder confiar nos serviços que criou e desenvolveu? Não! De todo!

Mas essa confiança só tem sentido se depositada nas pessoas que os constituem. Logo, ou é assim definida, ou, então, nem quimera chega a ser... A confiança é um dos mais difíceis exercícios que há que pôr em prática. Mais cedo ou mais tarde, alguém dirá, plenamente convencido da sua razão: “Estás a ver? Eu bem te disse...”, ou então, o universalmente célebre “Quem quer vai, quem não quer, manda...”. Permito-me discordar, apenas porque entendo que a confiança que temos em nós mesmos se reflete, essencialmente, na confiança que temos nos outros, sendo o contrário igualmente verdadeiro. Se, entre chegar e partir deste mundo, é uns com os outros que inevitavelmente vivemos, não há alternativa senão confiar. Não é que tal esteja isento de riscos, até porque, ao confiarmos, o que logo teremos pela frente é um território que, presunçosos como normalmente somos, pensamos que conhecemos bem, apesar de tantos apesares. Estou a falar da Terra das Expectativas. Tudo aponta para que, desde tempos imemoriais, se situe relativamente próxima de uma outra habitada por todos os bem-intencionados. A sabedoria popular já há muito espalha aos quatro ventos que de boas intenções está o Inferno cheio. Se assim for, ninguém escapa pelo menos a algumas chamuscadelas, não sendo isto impeditivo de uma mais animada insistência, talvez, até, à maneira de Dylan, num contínuo “Knocking on Heaven’s Door”. As boas intenções assistem-nos a todos, e somos exímios na sua defesa.

No capítulo em que se vê feita Rainha, Alice, sempre perguntadora e opinativa, com a Rainha Branca de um lado e a Rainha Vermelha do outro, vai tentando guardar para si o que lhe está na ponta da língua. A certa altura, é a própria Rainha Vermelha quem pede à Rainha Alice que desculpe a Rainha Branca, coitadinha, até porque é boa pessoa e tem boas intenções. O problema é que, de um modo geral, não consegue deixar de dizer tolices.

Por cá, entre nortadas e brisas amenas, nunca deixamos os nossos créditos por mãos alheias. Talvez seja por isso que corremos sempre cansados atrás do tempo que, na sua qualidade de dono e senhor, ora magnânimo, ora avarento, se vai, na sua Torre, defendendo das boas intenções que apregoamos. Sabe muito, o tempo... Marguerite Yourcenar chamou-lhe *Grande Escultor*.

Mas, voltando à Terra das Expectativas: é um território extensíssimo, inevitavelmente sobrepopulado. A razão é óbvia: há impossibilidades que nos assistem e resultam da nossa

própria condição. Somos sujeitos – logo, mais subjetivos do que objetivos. Sê-lo-íamos se fôssemos objetos. Graças a uma insofismável quantidade de circunstâncias, somos seres humanos de corpo e alma. Como tal, é com toda a legitimidade que esperamos o que, como sempre, inspirado e inspirador, Tolentino Mendonça afirma em “Nenhum Caminho Será Longo”: *“Precisamos desse reconhecimento mútuo, pessoa a pessoa, um reconhecimento não fundado no confronto ou na competição, mas no afeto, não determinado meramente pelas leis da justiça ou pelos vínculos de sangue, mas assente na gratuidade.”*

Nesta gratuidade cabem, essencialmente, o olhar, a palavra e o gesto do outro. E também cabe, por exemplo, a progressão na carreira, mais complexa e polémica. Deixemo-la, todavia, arredada desta divagação e sigamos um outro rumo.

O da Gratidão, mesmo na contradição, seria sempre uma boa escolha, não fosse o facto de ser, quiçá, o mais direto atalho sistematicamente percorrido por uma das nossas mais omnipresentes “amigas” – a omissão.

Há uma palavra que me é particularmente cara. A Alegria. Não há Alegria sem confiança, sendo igualmente certo que esta interdependência, que é frágil, também passa por restituir às palavras o seu verdadeiro significado.

Nesta Casa, particularmente nesta Casa, as palavras são génese e sucessão constantes. Confesso que cada vez mais, também, perplexidade, mas isto, seguramente, porque nasci em meados do século passado e tenho as minhas limitações.

Ora, é a todos nós que cabe a missão de restituir à palavra o lugar que deve ocupar. Lado a lado com o silêncio. O silêncio também urge. Precisamos tanto dele... Imagino que tenha desenvolvido um enorme receio da espécie humana e que, presentemente, esteja algures, sem saber muito bem como sair da crise existencial a que foi remetido.

O que somos capazes de manifestar a partir dos sentidos – convém não esquecer o 6.º sentido, a intuição – deixa sempre margem às mais diversas interpretações. Não obstante ter fama de ser de desconfiar, é um domínio próximo de um outro assaz misterioso, no qual imperam os sentimentos.

Assim sendo, voltemos à Alegria, a tal que se afirma sempre por tempo determinado. Para que a possamos sentir num contexto adverso, como aquele que o mundo atravessa, é nas pequenas coisas que há que a procurar.

Quando conseguimos resolver uma questão que impossibilitava a conclusão de um processo de inscrição de um estudante apreensivo; quando, finalmente, nos chega às mãos a proposta de orçamento que faltava para que um Pedido de Autorização de Despesa pudesse avançar; quando, na caixa de email, entra uma resposta promissora que garantirá a vinda de um colega do outro lado do mundo; quando, ao cair do pano, o principal convidado daquele evento confirma a sua presença; quando, inesperadamente, encontramos o livro perdido que tanta

falta fazia àquele leitor preocupado; quando, finalmente, percebemos que o inexplicável amuo do Sigarra nem teve consequências; quando, contra todas as expectativas, até havia uma sala disponível para um exame de última hora; quando logramos tranquilizar a preocupação da mãe de um estudante com necessidades educativas especiais; quando, no final de mais uma odisseia, eis que damos a última pincelada num teto outrora danificado; quando, por artes mágicas, no derradeiro minuto, conseguimos submeter um projeto financiado numa plataforma pouco amigável; quando nos apercebemos de que não será necessário refazer o cartaz, porque a data estava certa; quando, volvidos meses, podemos dizer a alguém que por isso ansiava que se pode considerar aposentado a partir do dia 1 do mês seguinte; quando a complexa tradução das instruções de uso daquele sistema acabou por chegar dentro do prazo à empresa que a tinha solicitado; quando percebemos que a etiqueta com o código de barras correspondente àquele projetor é mesmo a que temos na mão; quando à nossa secretária, na hora H, chega um envelope com um documento importantíssimo que o zelo de alguém recuperou; quando concluímos que o problema com o pc, naquela sala, não passava de um desentendimento com a tomada na parede; quando, na agenda da nossa Diretora, foi ainda possível encontrar 5 preciosos minutos para resolver uma questão; quando, em cada um dos serviços e unidades de que fazemos parte, pelo menos uma vez por dia, isto acontece, porque é que não podemos, nós próprios, convocar a Alegria?

Estou convicta de que ela reside precisamente naquilo que, com demasiada ligeireza, deixámos de valorizar, mas se reveste, acima de tudo, de uma enorme importância aos olhos daqueles para quem trabalhamos – essencialmente toda a comunidade académica que servimos e na qual, sejamos realistas, todos tendemos a ver-nos como únicos. Sempre que soubermos fazer com que a Alegria em nós permaneça, por fugaz que seja a sua duração, não ignoremos o que tal significa. Façamos a diferença!

Há, ainda, a saborosa Alegria proporcionada pela conquista do que, não o parecendo, é deveras difícil. Comemorar em beleza uma data incontornável, como a do nosso 1.º centenário; implementar um projeto a partir de um conceito inovador numa Faculdade de Letras, como acontece com o Humanities Lab; apostar, de forma exemplar, na eficiência energética tendo como palco um edifício cheio de “absolutementos” parecem-me bons exemplos.

A Vida é simplesmente o que nos acontece enquanto estamos ocupados a fazer outros planos. Concordo inteiramente com quem o disse. Só não sei é quem foi. Com toda a certeza alguém a quem, salvo erro, Hermes Trismegistus aplicaria a máxima “*Maximum miraculum homo sapiens*”. Ah, pois! A estupenda, esplêndida sensatez... *Quo vadis?* Há que saber Ser e Estar, acima de tudo com e para os Outros. É que só para nós próprios é que não somos os Outros. Não nos adiemos mais.

Termino citando novamente José Luís Peixoto, no parágrafo final da crónica que referi: *“Vida, se nos estás a ouvir, sabe que caminhamos na tua direção. A nossa liberdade cresce ao acreditarmos e nós crescemos com ela e tu, vida, cresces também. Se te quiserem convencer, vida, de que é impossível, diz-lhes que vamos todos em teu resgate, faremos o que for preciso e diz-lhes que impossível é negarem-te, camuflarem-te com números, diz-lhes que impossível é não teres voz.”*

Esta crónica tem um belíssimo título. Chama-se IMPOSSÍVEL É NÃO VIVER.